

# O ENSINO DA “NORMA PADRÃO” X VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGÜÍSTICA INTERACIONAL

---

Marcia Karlowski da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Que existe uma crise no sistema educacional, todos estão cansados de saber, mas o que os professores, escola e sociedade têm feito para mudar este quadro? O objeto desta pesquisa consiste no papel do professor como mediador, tendo como objetivo encontrar maneiras de se trabalhar em sala de aula a “norma padrão”, mas sempre considerando as variações lingüísticas de seus alunos, partindo do que o aluno já sabe sobre a língua, para que a partir daí ele próprio possa construir novos conhecimentos. O objetivo principal desta pesquisa consiste na reflexão do uso da língua e valorização da mesma, tendo como viés a Lingüística Aplicada. Espera-se através deste estudo provocar nos professores uma reflexão sobre o ensino que temos e o ensino que queremos, para que assim possa-se melhorar a prática e consequentemente, fazer com que a aprendizagem da língua realmente aconteça, tornando-a significativa para o aluno.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Varição lingüística, norma padrão, ensino.*

**ABSTRACT:** *There is an educational crisis, this all people are tired to know, but what are the teachers, the school and the society doing for change it? The object this search consist in the teacher role as mediator; it has by purpose meet method how to work in the classroom “the standard”, but always considering the linguistics variations that the students use, starting out the knowledge that students have. The main purpose in this search consists in the reflection about the langue in use and her valuation, having as obliquity the Linguistic Applied. Waiting about this study provoke in the teachers a reflection about the teaching that there is, and the teaching that they want, thus will be possible improve the practice and consequently, doing the understanding really occur, become it significative for the student.*

**KEYWORDS:** *Linguistic variation, standard, teaching, context, reflection.*

## PARA COMEÇAR: DIFICULDADES X NECESSIDADES

As deficiências encontradas no ensino, as quais já nos habituamos em chamar de “crise do sistema educacional brasileiro”, ocupa baixo nível de desenvolvimento lingüístico demonstrado por estudantes na utilização da língua, quer na modalidade oral quer na modalidade escrita. E para comprovar os exemplos são abundantes: as redações de vestibulandos, o vocabulário da gíria jovem, o baixo nível de leitura, etc. (GERALDI, 2003, p.41).

---

<sup>1</sup> Especialização em Lingüística Aplicada ao Ensino de Língua Inglesa. Campo Mourão – Paraná.

A todo momento ouvimos professores dizendo: “os alunos não sabem português”, na verdade eles sabem o português, já que é sua língua materna, e além do mais eles conseguem se comunicar, o que eles podem não saber, ou não utilizar é a “norma padrão” da língua. Muitos autores já pesquisaram sobre o ensino da LM, mas outros além de pesquisarem sobre o ensino têm procurado trazer sugestões de como ensinar a LM de forma interacionista, e que faça sentido para a aprendizagem, partindo dos conhecimentos dos próprios alunos, de seus interesses. Pois quando os alunos vêm para a escola já trazem uma bagagem, e ela não pode ser desprezada.

Diante de tal problema questiona-se “Como ensinar a “norma padrão” levando em consideração as variedades lingüísticas?”.

O objetivo da pesquisa consiste no processo ensino-aprendizagem da LP, propostas de como trabalhar a variação lingüística em sala de aula sem ignorar a presença das variantes, tendo como tema “O ensino da ‘norma padrão’ x variação lingüística sob a perspectiva da sociolingüística interacional”.

A necessidade desta pesquisa justifica-se por se tratar de um tema de atualidade e evidente relevância social, pois se refere ao ensino da língua. Muitas pesquisas têm sido feitas em torno do ensino da língua portuguesa brasileira, da gramática normativa, como ensinar, quando ensinar, porque ensinar, etc. Mas juntamente com isto é necessário conscientizar os alunos sobre as variações lingüísticas, as influencias que sofrem, seja através do meio familiar, social, da mídia, que não é preciso abandonar suas identidades, apenas saber quando se deve utilizar uma variante e não outra, sem estigmatizar ou menosprezar as variantes lingüísticas. Pois é isto que ocorre, as classes dominantes, usuárias das “normas padrões” da língua, tacham pessoas com variantes diferentes como “caipiras” ou até mesmo como “sem cultura”, e isto não é verdade, é preconceito. Por isto é preciso respeitar e preservar as diferentes manifestações da linguagem utilizada por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização, compreendendo e usando a língua portuguesa como Língua Materna, geradora da organização de mundo e da própria identidade.

O objeto desta pesquisa consiste no papel do professor como mediador, o qual convive e trabalha com a influência da variação lingüística, tendo como objetivo encontrar melhores maneiras de se trabalhar em sala de aula a “norma padrão” levando em consideração a variação lingüística, sem estigmatizá-la.

Para o desenvolvimento desta pesquisa serão colocados tais objetivos:

1. Refletir sobre o uso da língua;
- 1.1 Compreender e usar a LP de acordo com as diferentes situações;
- 1.1.2 Analisar como que depois de anos de escolarização, falantes

de variedades lingüísticas não prestigiadas socialmente permaneçam falando a variedade de origem;

1.1.3 Trabalhar as relações entre linguagem, educação e classe social.

## TEORIAS SÃO NECESSÁRIAS

Temos que saber qual é a necessidade do aluno (gramática textual, normativa, descritiva), pois a gramática normativa não é a única, e além do mais a gramática do sistema funcional não pode ser deixada de lado. Alguns professores como registra Neder (p. 56, 1992, In TRAVAGLIA, 2000) ensinam a gramática “para se cumprir um programa previamente estabelecido sem se levar em conta as dificuldades ou não dos alunos no emprego que fazem efetivamente da linguagem, nessa ou naquela ocasião, num processo de interação verbal”.

Muitos princípios teóricos, tanto da sociolingüística, como da psicolingüística e das teorias do discurso, são hoje correntes na preparação pedagógica de professores, que nem sempre, ou quase nunca, os põem em prática, por não terem, em geral, os respaldos práticos necessários. Alguns dos reflexos dos avanços teóricos na prática pedagógica no ensino da língua que pode ser citado como exemplo é a aceitação cada vez mais difundida (não necessariamente aplicada) de que a língua falada na sua natural variação deve ser o ponto de partida, base inicial, em direção ao treinamento das variantes de dialetos *Standard*, socialmente exigidas e que, regra geral também tradicional, costumam ser a base para o ensino da escrita e da leitura; implementação da compreensão mais profunda dos mecanismos psicológicos, motores e outros envolvidos na aquisição da capacidade de ler e escrever; compreensão e explicitação da multiplicidade de formas discursivas que exigem formulações lingüísticas diferenciadas tanto na sua manifestação escrita como oral e no processo de decodificação de texto e de diversas formas de interação social refletidas em formas de comunicação distintas; enriquecimento na compreensão de que o processo de alfabetização não é um ato mecânico, mas complexo, que envolve capacidades intelectuais, afetivas e motoras; que um embasamento psicolingüístico, semiótico e fonológico por parte dos mestres leva a resultados de muito maior sucesso para os alfabetizados.

Desta forma questiona-se: Qual gramática ensinar? A GT ou a Interacionista? Deve-se ensinar a interacionista, mas sempre que preciso recorrer a GT. A gramática Tradicional deverá ser ensinada, a partir do momento em que se considerar necessário regular a fala e a escrita do aluno. (VIRGÍNIA, 2004)

Geraldi (2003) mostra dois objetivos bem diferentes a que se pode propor um professor no ensino de uma língua: o uso da língua ou o saber a respeito da língua.

Como se sabe, muito antes de a criança vir para a escola, ela opera sobre a linguagem, reflete sobre os meios de expressão usados em suas diferentes interações, em função dos interlocutores com que interage, em função de seus objetivos nesta ação. Gumperz (1986) em uma de suas pesquisas expõe que existe evidência suficiente para mostrar que todas as crianças normais têm domínio completo do sistema gramatical de sua variedade aos cinco anos de idade.

Geraldi, (1984: 41-45):

O professor é um mediador, deve-se ensinar algo de maneira que o outro reconheça o porquê, a necessidade daquilo que ensinamos. A língua é uma prática social, por isso a necessidade de se ensinar à língua dentro de um contexto. A inter-ação acontece dentro da diferença do outro, onde irá contribuir para sua formação.

Sendo assim, se o professor tiver uma formação adequada, o que acontecerá com uma minoria, terá de trabalhar com a variação da sintaxe nas suas aulas e saber, na maioria das vezes de maneira intuitiva e tentativa, já que não há materiais prontos para isso, definir o que será o uso lingüístico socialmente aceitável para que seus alunos não fracassem no curso de sua futura vida profissional em nossa sociedade.

Assim, entre as variantes sintáticas em convívio nas falas brasileiras, o professor terá de distinguir, pelo menos, as estruturalmente mais salientes e socialmente mais estigmatizadas, para sem desprestigiar as segundas, selecionar ambas, a fim de treinar o uso formal falado e os usos escritos de seus alunos. Aí está a grande contribuição que a sociolingüística sobre o português brasileiro poderá dar para uma efetiva virada no ensino da língua portuguesa no Brasil. Seria este talvez, um dever patriótico: o conhecimento e o reconhecimento, na escola, da realidade do português brasileiro.

O saber metalingüístico intuitivo, do mesmo modo que o saber lingüístico natural, não deveria nunca estar excluído, pelo contrário, faria parte do processo pedagógico contínuo de enriquecimento da língua que o indivíduo já traz na sua bagagem que precede a escolarização.

Talvez por aí o ensino da língua materna deixasse de ser estigmatizado, desde as primeiras séries escolares, pelos estudantes, por deixar de ser um instrumento de limitação, de repressão até, para vir a ser uma das formas de desenvolvimento de uma capacidade natural humana e por isso criativa e criadora. (VIRGÍNIA, 2004)

Dada à diversidade regional, cultural e política existente no país, os PCNs buscam parametrizar referências nocionais para as práticas educativas, procurando fomentar a reflexão sobre os currículos estaduais e municipais, já em andamento em diversos estados e municípios. Mas a construção dos próprios currículos para o Ensino Fundamental, adequados às necessidades

e características culturais e políticas regionais, deverá ser feita pelos órgãos educacionais de estados e municípios e pelas próprias escolas, com base na reflexão fomentada por estes referenciais, pautados essencialmente no processo de construção da cidadania. (ROJO, 2000)

É importante criar situações reais de uso da língua, o professor precisa provocar nos alunos a necessidade em se aprender algo. O ensino de gramática nas aulas de Português como língua materna tem sem dúvida, representado um problema constante para os professores de Língua Portuguesa das escolas de 1º e 2º graus deste país. Estes, principalmente depois das constantes e reiteradas críticas ao ensino de gramática nesse nível e também à própria teoria da gramática tradicional e à gramática normativa, sentem-se angustiados sobre o que fazer em sala de aula. Muitas vezes o desmoramento é tal que professores acabam não fazendo nada que seja significativo para a vida dos alunos. (TRAVAGLIA, 2000)

O professor como mediador no processo ensino/aprendizagem deve considerar os possíveis conhecimentos partilhados e não partilhados pelos interlocutores e as necessidades reais do grupo. O desafio que se coloca, portanto, é de que de um lado o professor deve exigir esforço, dedicação, disciplina dos alunos e de outro, deve exigir-se de maneira a construir uma adequada proposta de trabalho. Em síntese, para exigir disciplina, o professor precisa ter moral... Deve, portanto, rever a proposta de trabalho, tanto do ponto de vista do conteúdo, como a metodologia (criança motivada não é problema de indisciplina). (TURRA In Klein, 2003).

É a escola o primeiro lugar público em que o aluno se expõe (ou deveria se expor) como locutor. Admitindo-se que a escola, de uma forma ou outra, tem possibilitado a seus alunos interlocuções nesta instância pública de uso da linguagem, e como estas exigem o dialeto culto, como explicar que depois de anos de escolarização, falantes de variedades lingüísticas não prestigiadas socialmente permaneçam falando a variedade de origem?

Nos resultados destes estudos podemos detectar sistematizações que fazem corresponder determinadas variedades a determinadas variáveis sociais (classes, sexos, faixas etárias etc.) (ROJO, p. 56- 57, 2000)

É importante o respeito às variedades lingüísticas, mas o aluno precisa acrescentar ao seu conhecimento, para uniformização, se não fosse assim, ele não precisaria ir para a escola, mas isso não quer dizer que ele não poderá usar sua variante.

Precisa-se ensinar ao aluno o uso da reflexão. A língua culta tem que ser preservada, pois nós nos expomos em diferentes instâncias públicas.

Porém a escola age como se a língua culta fosse estática, pronta, inabalavelmente infensa a seu uso nos processos interlocutores. (ROJO, p. 59, 2000)

Um dos objetivos gerais assumidos pelos PCNs “-(...) necessidade

de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos”. (PAULO RENATO SOUZA, p.5, PCNs) (p.151)

Alguns estudos lingüísticos e psicolingüísticos acabaram por promover uma fragmentação do objeto “linguagem verbal” ainda maior – entre modalidade oral e modalidade escrita. Se de um lado, a escola não é tão decisiva para o aprendizado do oral, por outro, as práticas de ensino tradicionais desconsideram a presença, a força e a constância do oral na vida dos alunos. As variantes lingüísticas não são erros, mas diferenças. A solução não consiste apenas em respeitar as variedades dialetais, mas ir, além disso, partindo de uma concepção de linguagem mais abrangente, que englobe, inclusive, a modalidade padrão.

A sensibilidade lingüística é um dado real, concreto, cabendo à escola aprofundar essa habilidade pela exploração do fenômeno da variação. Enfim, faz parte do papel do professor e da escola ensinar/aprender a jogar o jogo lingüístico. (Rossi-Landi 1985), (In Suassuna,1995)

Maria Helena de Moura Neves, em seu livro Gramática na Escola (1994) fez alguns questionamentos sobre o ensino da gramática, eis alguns:

- **O para quê do ensino da gramática.**

1- Para que se “ensina” a gramática? Para se ter um bom desempenho, melhor expressão, melhor comunicação, melhor compreensão.

2- Para que se “usa” a gramática que é ensinada? Especificamente para “falar e escrever melhor”, quanto à finalidade de ensino para simples cumprimento do programa, sua utilização vem ligada ao sucesso na própria sala de aula, o que significa não se apontar necessidade real para o ensino da gramática.

- **O que é ensinado.**

As aulas de gramática consistem numa simples transmissão de conteúdos expostos no livro didático em uso. Essa foi a primeira verificação que Neves fez ao pesquisar a natureza do ensino da gramática nas escolas.

- **O “difícil” no ensino da gramática.**

A grande maioria dos professores que fizeram parte da pesquisa de Neves (60%) atribui as dificuldades a problemas dos alunos: falta de esforço, falta de interesse, falta de vontade de pensar, falta de maturidade, falta de capacidade de percepção da utilidade da gramática. Outros 7%, atribuíram as dificuldades à escola (métodos ultrapassados, alfabetização deficiente, exercitação entediante) e cerca de 3% consideraram que é a própria matéria que se ligam as dificuldades.

As respostas dadas à pergunta: “Para que você ensina gramática?” permitem analisar os conceitos que os professores de 1º e 2º graus têm de gramática:

1- Gramática como um conjunto de regras de bom uso (= gramática normativa).

2- Gramática como descrição das entidades da língua e suas funções (gramática descritiva).

Durante o desenvolvimento da pesquisa foi constatado que os professores usam o texto como pretexto, e os mesmos consideram que seus trabalhos/ estudos estão modernizados, simplesmente por partirem de textos.

• **Dificuldades e problemas.**

As dificuldades dizem respeito a uma incapacidade de avaliar a língua em uso nas suas diversas dimensões, e ainda existe um descaso generalizado pela disciplina Língua Portuguesa.

Para Suassuna, (op. Cit.):

A própria prática de ensino em todos os níveis, torna evidente a “crise na linguagem”. É comum vermos professores insatisfeitos com seu trabalho, frustrados e tomados de uma sensação insuperável de derrota, o que dá lugar a uma certa nostalgia do ensino “de antigamente”. Espalham-se as queixas: os alunos se caracterizam por um baixo desempenho lingüístico; desprezam a língua; não entendem o que lêem; abusam, na produção textual, de lugares comuns; são incapazes de pensar e se expressar (!)...

Para a autora citada acima as origens do problema dessa crise em termos de causa, ela diz que muitos poderiam ser os motivos, mas que no momento importa situar o problema da “escolarização” da língua, traduzido num princípio pedagógico excludente, que é o do ensino do “certo” em detrimento do “errado”.

Alguns pontos ficam claros na discussão do problema do ensino da gramática de acordo com Neves (op. Cit.)

1- Os professores em geral acreditam que a função do ensino da gramática é levar a escrever melhor.

2- Os professores foram despertados para uma crítica dos valores da gramática tradicional.

3- Os professores têm procurado dar aulas de gramática não-normativa.

4- Os professores verificam que essa gramática “não está servindo para nada”.

5- Apesar disso, os professores mantêm as aulas sistemáticas de gramática como um ritual imprescindível à legitimação de seu papel.

Sabe-se que o ensino da gramática é cobrado pelos pais, e que o “mau desempenho” da maioria dos alunos é mais facilmente atribuído a um “mau desempenho” do professor se ele não fez registrar nos cadernos dos alunos uma teorização das regras gramaticais.

Como a visão funcionalista pode permitir uma melhor operacionalização da análise lingüística em nível escolar? Neves estabeleceu, nesse sentido, três postulados:

- O texto tem de ser visto como organização da informação.
- O texto tem de ser visto como organização da interação lingüística.
- O texto tem de ser visto como organização semântica.

Se a gramática “ensinada” deve servir a que os alunos se expressem melhor, ela deve ser tal que sirva a esse fim.

O objetivo da Lingüística Aplicada é o estudo da linguagem em uso, na interação face a face ou à distância, de um lado, um dos interesses da Lingüística Aplicada tem sido o estudo das interações ocorridas em contextos institucionais públicos; de outro lado, dá-se também importância ao estudo de eventos que envolvam textos orais e/ou escritos, na dimensão da produção e/ou da recepção, e em contextos públicos e/ou privados.

Assumindo esse ponto de vista na pesquisa em Lingüística Aplicada, dá-se prioridade ao estudo de eventos de interação. Como afirma Kleiman (1996) a respeito da prática em sala de aula, se a interação se dá entre sujeitos sociais e cognitivos, as diferentes disciplinas que se encarregam de estudá-la “confluem e se transformam” na pesquisa Lingüística Aplicada.

É de conhecimento de todos que, desde o período colonial, por alguns séculos predominou no Brasil o método de ensino *tradicional*, que consistia em transmitir aos alunos conhecimentos que deveriam ser por eles memorizados e depois repetidos para o professor para que este pudesse verificar o que eles haviam aprendido.

Piaget e Vygotsky defendiam propostas de que o aluno, ao chegar à escola, já possuiria “conhecimentos prévios”, e que a partir desses conhecimentos, aplicar uma nova metodologia que viria renovar o ensino, era o movimento “construtivista” que iniciava. Nos últimos anos as idéias piagetianas foram complementadas com outras, como a de que é preciso ensinar o aluno a pensar e a refletir sobre as coisas do mundo de maneira inteligente, pela análise crítica e criativa e não apenas pelo que lhe é imposto ou por aquilo em que o fazem acreditar, como acontecia na chamada aprendizagem das superficialidades.

Começou-se então a pensar e a acreditar no verdadeiro sentido de “aprender”, cuja significação é adquirir conhecimentos, desenvolver habilidades, mudar comportamentos, descobrir o sentido das coisas e dos fatos, além disso as atividades pedagógicas devem ter como foco o aluno e suas capacidades, tornando-o agente e participante ativo de sua aprendizagem.

A diferença do ensino tradicional do ensino renovado, é que no primeiro se dá tudo pronto e acabado para o aluno, na segunda se instiga a busca pelos próprios alunos, o professor deixa de ser o centro.

A abordagem sociolingüística interacional foca na interação dos pressupostos lingüísticos, contextuais e sociais, os quais se complementam para criar as condições apropriadas para o aprendizado em sala de aula.

A tarefa do sociolingüista interacional em cenários modernos de

educação é mapear o processo pelo qual o que é ensinado diariamente é posto em prática e desvendar a teoria implícita de aprendizagem que direciona a nossa escolha do modelo certo.

O trabalho dos sociolinguístas sobre as bases gramaticais e históricas da diversidade dialetal nas instituições de ensino traz implicações importantes. Um exemplo pode ser visto quando uma criança perde o interesse pela aula e se recusa a cooperar porque sente que sua maneira de falar é desvalorizada ou desrespeitada pelo professor ou colegas da turma. As escolas que não compreendem a verdadeira natureza das diferentes variedades lingüísticas das crianças provavelmente subestimam as dificuldades que elas enfrentam para se adaptar à realidade escolar. Isso nos remete à questão inicial sobre o porquê de crianças pobres e de diferentes grupos minoritários tirarem notas baixas depois de alguns anos de educação formal. O que precisamos é de uma melhor compreensão de como a linguagem entra no contexto social de uma escola e suas implicações a partir daí.

Diante desta situação, qual poderia ser a atitude do professor de LP? Qual postura a ser adotada? Como aponta Magda Soares (1983), In Geraldi (1984):

De um lado há os que pretendem que a escola deva respeitar a preservar a variedade lingüística das classes populares, e sua peculiar relação com a linguagem, considerada tão válida e eficiente, para comunicação. Neste caso, a escola deveria assumir a variedade lingüística das classes populares como instrumento legítimo do discurso escolar (dos professores, dos alunos e do material didático). Por outro lado, há os que afirmam a necessidade de que as classes populares aprendam a usar a variedade lingüística socialmente privilegiada, própria das classes dominantes, e aprendam a manter, com a linguagem, a relação que as classes dominantes com ela mantém, porque a posse dessa variedade e dessa forma específica de relação com a linguagem é instrumento fundamental e indispensável na luta pela superação das desigualdades sociais. (SOARES, Magda,1983 In GERALDI,1984, P.45)

## **ALGUNS MÉTODOS SÃO INDISPENSÁVEIS**

A pesquisa será desenvolvida através da pesquisa bibliográfica, momento este em que a literatura será a ferramenta básica para fundamentar o assunto em questão. Nesta etapa serão levados em consideração os postulados teóricos de Geraldi (1984,2003), Rojo (2000), Suassuna (1995), Virgínia (2004), entre outros. De posse de informações teóricas, a segunda etapa fazer-se á através da pesquisa etnográfica,

características importantes na pesquisa etnográfica é a descrição e a indução. O pesquisador faz uso de uma grande quantidade de dados descritivos: situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos, que são por ele reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade. (ANDRÉ, 2003)

Erikson (1993) defende uma postura cooperativa, de diálogo aberto, de modo que o objetivo da pesquisa não se limite a mostrar *o que e como* algo está ocorrendo, *mas também como seria possível mudar a situação, tornando-a melhor*. Se queremos mudar a escola, tornando-a fundamentalmente melhor, no sentido emancipatório, diz ele, temos que mudar as relações de poder. Temos que estabelecer relações de parceria entre pesquisador e agentes escolares. A etnografia tenta diminuir a distância entre pesquisador e grupo pesquisado e busca-se tornar o trabalho cada vez mais público. Enfatiza-se a necessidade de justificativa clara e objetiva das opções e das interpretações do investigador e defendem-se formas de colaboração e parceria entre pesquisador e pesquisado, expondo a críticas. (ERIKSON In André, 2003).

Os estudos etnográficos, que se estruturam sobre observações de cenários naturais de interação, trouxeram uma nova perspectiva na análise do estudo do uso da linguagem. A noção de competência comunicativa é central nesses estudos. Ou seja, não bastam conhecimentos de fonologia, léxico e sintaxe. A fala é dirigida pelas normas da cultura, e no plural do contexto específico, o que limita as opções de comunicação e interpretação do que é dito. O que se diz vai além da *competência* e da *performance* propostas por Chomsky. Enquanto os métodos generativistas são basicamente dedutivos e os lingüistas usam seus próprios conhecimentos sobre a gramática de uma língua, os etnógrafos da comunicação usam uma abordagem empírica e indutiva vendo a parte gramatical como um conhecimento compartilhado pelos diferentes falantes de uma comunidade lingüística. A variabilidade lingüística se torna então um fenômeno comunicativo a ser explicado através de uma análise sociolingüística. Um dos objetivos é determinar o nível das regras e normas de uma comunidade as quais determinam ou limitam que variantes são usadas, quando, por quem, e em que circunstâncias. Através desta pesquisa etnográfica, serão feitas observações, anotações de campo e roteiros de pesquisa, baseados nos modelos sociolingüísticos de Labov.

Após unir a teoria com as anotações de campo e com os roteiros de pesquisa, é momento da aplicação das propostas sugeridas na fundamentação teórica, para a verificação das contribuições esperadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: O INÍCIO DE NOVAS PRÁTICAS

Os professores devem dedicar-se a encontrar formas de refletir sobre o português brasileiro e de mostrar que se pode utilizar as variações lingüísticas em sala de aula e fora dela, pois é preciso possibilitar aos alunos das classes sociais desfavorecidas o acesso à cultura com os mesmos instrumentos disponíveis para os falantes já pertencentes às camadas sociais privilegiadas, pois a escola não pode ser reprodutora das desigualdades sociais e de preconceitos. Desta forma é necessário que professores deixem de acreditar em algo que não existe (o “erro de português”) e passar a contemplar os fenômenos de variação e mudança lingüística, para que se possa transformar a educação em Língua Materna num compromisso com a formação plena do cidadão e contra toda forma de exclusão social pela linguagem.

Zanini, 1999:

Sentimos que hoje, utilizar a língua “corretamente” além do domínio da forma de modo aceitável, é “usa-la” adequadamente ao contexto e ao usuário a que se destina a mensagem veiculada. É o momento, pois, de reconhecermos que não há como ensinar e aprender palavras sem aprender os seus sentidos, de que a simples e vazia forma de repetir modelos não significa compreensão, e de que a formação não se simplifica em habilidades no manuseio de máquinas e de instrumentos, a fim de que entendamos a necessidade de redefinir os objetivos do ensino/aprendizagem de língua materna. Só assim, o professor encontrará o seu caminho e por ele trilhará com consciência, um lugar que é seu neste processo. (Zanini, p.80-83)

Mas, não adianta só sabermos que o problema existe e que o fracasso da escola é algo que não podemos negar, precisamos questionar buscar soluções, refletir sobre o ensino que temos e o ensino que queremos. Sobre o ensino que temos, podemos dizer que ele se constrói por determinantes externos aos limites da ação da /na própria escola.

Dessa forma, o trabalho do professor, em sala de aula, de acordo com Zanini (1999) pressupõe:

- a associação da variedade lingüística à modalidade escrita;
- a associação da variedade lingüística à tradição gramatical;
- a dicionarização dos signos da variedade lingüística;
- a consideração dessa variedade.

O ensino da gramática deve partir do conhecimento teórico de seu objeto, mostrando a relação entre língua e pensamento para efeito da reflexão e subsídio técnico aos professores, mas no que tange aos alunos, estas reflexões devem resultar em atividades práticas, a fim de que estes

possam adquirir uma segurança lingüística necessária às diversas situações de interação comunicativa. (RIBEIRO, 1999)

Sendo assim, esta pesquisa visa conscientizar os professores sobre a importância e até mesmo da necessidade de partir dos conhecimentos que os alunos têm da língua, para ensinar novos, contextualizando-os a sua realidade, pois desta forma o ensino deixa de ser artificial, passando a fazer sentido real para os alunos, pois tudo que se aprende para a vida, para o uso, internaliza-se, assim motiva os alunos a estudarem, a buscarem novos conhecimentos, já que vêm uma necessidade prática para a aprendizagem.

Para Chomsky “todo falante sabe instintivamente sua língua e só precisa ser ajudado a desenvolver-se por meio de prática e de exercícios agradáveis”.

Ao estigmatizar as variantes lingüísticas não prejudiciais à comunicação, valorizadas e utilizadas majoritariamente por comunidades populares, a escola enseja dificuldades de aprendizagem e contribui para a perda da auto-estima e a insegurança lingüística dos alunos. A repressão lingüística é igualmente caminho para a repressão social e cidadã. Ela contribui para a reprodução das desigualdades sociais. A função da escola é, sobretudo, ajudar a criança a compreender a realidade material, social e espiritual, com suas contradições e sua variedade, para que possa atingir sua emancipação individual e coletiva. O ensino da língua materna deve, sobretudo, ensejar que as crianças compreendam a estrutura, o funcionamento, as funções da língua como instrumento de comunicação, com todas as suas variedades, sociais, regionais e situacionais.

## REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna. A sociolingüística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *O texto na sala de aula – leitura e produção*. Cascavel, Pr: Assoeste, 1984.

GUMPERZ, John J. Interaccional Sociolinguistic in the study of schooling. In COOK – Gumperz, Jenny. *The Social Construction of Literacy*. Cambridge: CUP, 1986, p. 45-68.

KLEIN, Rejane. *A formação de professores das séries iniciais os processos de subjetivação e a escrita em si* In Literatura e Diversidade da Linguagem. Marechal Candido Rondon, Pr: Escala, 2003, p.183-196.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na Escola*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. *O ensino de gramática na escola: suas relações com o signo lingüístico e com a articulação do pensamento na língua*. Tese defendida em: 1999.

ROJO, Roxane (org.) *A prática de linguagem em sala: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ, 2000.

SILVA, Rosa Virgínia M. *O Português são dois*. Novas fronteiras velhos problemas. São Paulo: Parábola, 2004.

SUASSUNA, Livia. *Ensino de Língua Portuguesa*. Uma Abordagem pragmática. São Paulo: Papyrus, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação*: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ZANINI, Marilurdes. *Uma visão panorâmica da teoria e da prática do ensino de língua materna*. Actas Encontro Internacional. Braga: Universidade do Minho – Instituto da criança, p. 79-88, 1999.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Mal. Cândido Rondon

**REVISTA TRAMA**

Versão eletrônica disponível na internet:  
[www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber)